

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Monteiro Lobato Editor

Gláucia Soares Bastos

Introdução

Embora Monteiro Lobato seja atualmente lembrado quase exclusivamente por sua produção literária destinada ao público jovem, sua atividade editorial vem sendo trazida à luz, revelando-se o importante papel que desempenhou ao longo de toda a sua vida à frente de diferentes editoras. Como editor e tradutor, inovou na escolha de títulos da literatura universal e no investimento em autores brasileiros, e sobretudo nas formas de distribuição do livro. Através do estudo de sua correspondência ativa e passiva, em parte publicada, em parte consultada em arquivos, podemos observar sua incessante preocupação com, por um lado, a ampliação do público leitor e da circulação do livro e, por outro, a profissionalização do escritor, bem como identificar os critérios por ele empregados para a seleção do que seria publicado .

Negócios, negócios

O ponto de partida da trajetória editorial de Monteiro Lobato costuma ser assinalado em 1917, quando adquire a *Revista do Brasil*, publicação de forte cunho nacionalista e ligada ao grupo do jornal *O Estado de São Paulo*. Mas poderíamos certamente ir recuando no tempo até encontrá-lo, na faculdade de Direito, reunido a outros jovens como ele entusiasmados pela literatura, colaborando em jornais de cidades do interior de São Paulo. Entre os amigos dessa época está o mineiro Godofredo Rangel, com quem manterá uma correspondência que vai se estender até o fim da vida de Lobato, e que será reunida em 1943 no volume *A barca de Gleyre*. Ou, ainda mais jovem, estudante secundarista, escrevendo a mão um jornalzinho que era lido aos sábados na hora do recreio no pátio do colégio.

O fato é que em 1917 Lobato é um colaborador regular da *Revista do Brasil* e do jornal *O Estado de São Paulo*, no qual publicara em 1914 os célebres artigos que marcam sua entrada no jornal, *Velha praga* e *Urupês*, resultado de sua experiência como proprietário da fazenda do Buquira, herdada de seu avô. Em 1917, tendo abandonado o projeto de tornar-se fazendeiro, e se mudado para a capital, vai investir na *Revista do Brasil*, os recursos resultantes da venda da fazenda que pertencera ao avô, passando assim de fazendeiro a editor.

Em carta ao amigo Godofredo Rangel em novembro de 1917, Lobato apresenta a perspectiva da mudança:

Lá pela *Revista do Brasil* tramam coisas e esperam deliberação da assembléia dos acionistas. Querem que eu substitua o Plínio [Barreto] na direção; mas minha idéia é substituir-me à assembléia, comprando aquilo. Revista sem comando único não vai.¹

Além da *Revista* propriamente dita, Lobato vai começar a publicar autores brasileiros, a começar pelo seu próprio *Urupês*, coletânea de contos escritos quando morava na fazenda, que fará grande sucesso e terá repetidas tiragens. Em carta de julho de 1918, Lobato conta a Rangel seus primeiros sucessos de venda: “Os *Urupês* vão se vendendo melhor do que esperei, e neste andar tenho que vir com a segunda edição dentro de três ou quatro semanas. (...) O *Saci Pererê* também se vende bem”.²

Na mesma carta, mais adiante, Lobato comenta sua nova atividade de editor, revelando o que será a tônica de sua atuação: “Os meus negócios hoje cifram-se nuns dinheiros a juros (que infâmia pôr dinheiro a juros! Devia ser proibido por lei) e a *Revista do Brasil*, onde estou desenvolvendo furiosamente a propaganda. Espero dobrar-lhe a tiragem ainda este ano.”³ Poderemos observar no conjunto de sua correspondência com Rangel o cuidado na divulgação dos títulos, na apresentação das capas, no aumento dos pontos de distribuição e o entusiasmo com os resultados favoráveis.

Em carta a Rangel do dia 30 de julho do mesmo ano, vai a notícia: “Meu livro esgotou-se no dia 26 – exatamente um mês após a saída. Estou a rever as provas da segunda edição (...) Só a Livraria Alves vendeu 250 exemplares.” E informa também o resultado

¹ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2.t., p.159-60.

² Lobato. *A barca de Gleyre*, 2.t., p.173. *O Saci Pererê: Resultado de um inquérito*, primeiro livro de Monteiro Lobato, reunindo respostas enviadas por leitores a um questionário por ele publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, fora dado a público meses antes.

³ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2.t., p.173.

financeiro da empreitada: “A primeira edição deixou-me livre 1:500\$; e como a segunda edição me vai ficar em 960\$, não há mais meio de perder dinheiro com a experiência.”⁴

Em outubro do mesmo ano, em carta destinada a Teófilo Siqueira, Lobato comenta a “boa acolhida” de *Urupês*: “Acolhida muito maior do que eu poderia esperar. Já vendi 2800 exemplares em pouco mais de 3 meses, e já cuido de uma 3ª edição de mais de 4000.”⁵

Ao mesmo tempo em que cuida de seu livro, não descuida da *Revista*, como se vê na carta que escreve a Rangel em 17 de agosto: “A *Revista do Brasil* vai bem. Quando me fiquei com ela, entravam em média 12 assinaturas por mês. Hoje entra isso por dia. Nesta primeira quinzena de agosto registrei 150 assinantes novos.” E explica ao amigo como consegue estes resultados: “Meu processo é obter em cada cidade o endereço das pessoas que lêem e enviar a cada uma o prospecto da revista, com uma carta direta e mais coisas – iscas. E atijo em cima o agente local.” É portanto um grande investimento, com grande retorno. Um conjunto de ações coordenadas – procurar os endereços dos possíveis interessados, enviar a correspondência (isca), manter o contato com o representante local, garantir a remessa das novas assinaturas – que termina por fisgar muitos novos clientes. Lobato aproveita todos os seus contatos, para a partir deles multiplicar os leitores. Assim, termina a carta citada pedindo a Rangel: “Mande-me pois daí o nome das pessoas alfabetas menos cretinas e merecedoras da honra de ler a nossa revista.”⁶

Seguindo a trilha aberta pelo sucesso da primeira publicação da casa, Lobato vai buscar autores novos, começando pelos amigos do “Cenáculo”, grupo formado nos tempos da faculdade de Direito, do qual Rangel fazia parte. “Vou editar o Ricardo em setembro – *Ipês*. Já temos, paridos pelo prelo, o Nogueira e eu; saindo você e o Ricardo, estará em estado interessante só o Albino com o seu tratado de psicologia. E o Cenáculo terá vencido, hein?”⁷

Ainda em 1918, em carta de novembro, Lobato conta a Rangel quem será o próximo editado:

Fechei neste momento um romance de Lima Barreto, *Isaías Caminha*. É dos tais legíveis de cabo a rabo. Romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele contrato para a edição de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujos originais já estão aqui. (...) Mas quanto talento e do bom!⁸

Lobato finaliza a carta em tom de otimismo com os negócios, mas sem abrir mão do senso crítico que o acompanha: “A coisa vai, Rangel. Tenho esperanças de que desta

⁴ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2.t., p.178.

⁵ Lobato. *Cartas escolhidas*, 1. t., p.174.

⁶ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.179-180.

⁷ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.180.

⁸ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.186.

brincadeira da *Revista do Brasil* me saia uma boa casa editora. Pena morarmos num país em que o analfabetismo cresce. Cresce com o aumento da população...”⁹

Em fevereiro de 1919, Lobato conta ao amigo, entusiasmado, o crescimento da editora: “O negócio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas próprias, especializadas na fatura de livros. Talvez o número de março já seja feito em casa.”¹⁰ Mas ao entusiasmo com a atividade editorial corresponde o pesar pelo abandono da atividade literária: “Começo a não ler nada, estou no caminho da bestificação. Três anos de vida como esta, e estou galego de balcão, com os pés virados para fora. Vendendo, vendendo coisas. Que sórdido fiquei!”¹¹

Em abril Lobato atualiza os dados sobre as vendas de *Urupês*, aumentadas em virtude da notoriedade alcançada pelo personagem Jeca Tatu, utilizado em sua campanha por Rui Barbosa, então candidato a presidente da República: “O discurso do Ruy foi um pé de vento que deu nos *Urupês*. Não ficou um para remédio, dos 7000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao décimo segundo milheiro. Tiro-as agora aos quatro mil. E isto antes de um ano, hein?”¹²

Rangel, contrariando o amigo, demora a atender a seus insistentes apelos, solicitando para publicação, reiteradas vezes, os originais do romance *Vida ociosa*. Com seu olho de editor, quando finalmente recebe os originais sugere a titulação dos capítulos:

Recebi *Vida ociosa*. Parece-me aconselhável trocar a simples enumeração dos capítulos, coisa anti-comercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima. Acho horrivelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil o em que cada capítulo tem um titulozinho tentador. (...) Se queres, eu mesmo batizo os capítulos – ou então mandas-me daí os nomes.¹³

Em carta enviada de Três Pontas, em novembro de 1919, Rangel recomenda-lhe prudência:

Vais talvez arriscar dinheiro imprpropriamente e, o que é, pior, dinheiro da Sociedade que organizaste. Por isso, quando eu te mandar os originais, pensa bem antes, para que evites malogro daquela natureza para ti e remorsos para mim.¹⁴

⁹ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.186.

¹⁰ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.189-90.

¹¹ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.190.

¹² Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.194.

¹³ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p.189.

¹⁴ Carta de Rangel a Lobato em 16-11-1919. As cartas de Godofredo Rangel a Monteiro Lobato aqui mencionadas foram publicadas na edição especial do Suplemento Literário do Minas Gerais dedicado ao centenário do escritor mineiro em 01-12-1984. Agradeço a Emerson Tin o acesso às mesmas.

Os temores de Rangel não encontram eco em Lobato, que efetivamente publica *Vida ociosa*. Em dezembro de 1920 Rangel lhe escreve:

Recebi 15 exemplares do *Vida Ociosa*. O trabalho tipográfico está primoroso. Realça-lhe ainda o valor do prólogo. O Minarete já tem uma história narrada a sério por um historiador às direitas. Se o livro não valer por si, valerá pelo prólogo que é, não só uma crônica primorosamente escrita, como um repositório de dados interessantes sobre o pai do Jeca e sua formação literária. Porque, cá entre nós: o Cenáculo, afinal, era você. Se outros nomes dele ficarem é que tu os levarás a reboque pelos mares da glória, como bom amigo que és.¹⁵

Ao furor editorial do amigo, associado à modernidade empresarial, Rangel contrapõe a lentidão do ritmo pré-industrial das pequenas cidades mineiras em que vive, atuando como juiz, que transfere para sua narrativa, fazendo a opção por procedimentos que enfatizam a produção artesanal, em oposição à repetição industrial.

Todavia, confirma-se o que Rangel intuía: seu romance passa ao largo do sucesso, o que de certa forma deixa-o satisfeito. Em dezembro de 1922, escreve a Lobato: “Aliviaste-me a consciência dizendo-me que a edição de *Vida ociosa* está em menos de 400 exemplares.”¹⁶ Posição afinada com os procedimentos narrativos por ele adotados que, como aponta Flora Süssekind, colocavam-se na contramão da modernização urbana e da crescente profissionalização dos homens de letras.¹⁷

Embora a correspondência entre Lobato e Rangel se mantenha constante, optamos por apresentar outros interlocutores no período que vai de 1920 a 1924, com o objetivo de explorar documentos pouco divulgados por não estarem publicados.

Disponha, pois, de uma casa como se fosse sua.

Um dos novos destinatários das cartas de Lobato é o folclorista e escritor potiguar Câmara Cascudo. Sua correspondência passiva com Lobato encontra-se preservada em seu arquivo pessoal, em Natal.¹⁸ Ao contrário do que se pudesse imaginar, tal correspondência trata pouco de folclore e nacionalidade, e muito de negócios. Lobato procura informar-se de possíveis pontos de venda para ampliação de sua rede de distribuição. Em setembro de 1920, diz o editor paulista ao escritor nordestino:

¹⁵ Carta de Rangel a Lobato em 29-12-1920. CEDAE/Unicamp.

¹⁶ Carta de Rangel a Lobato em 29-12-1922. CEDAE/Unicamp.

¹⁷ Süssekind. *Cinematógrafo de Letras*, p. 96.

¹⁸ As cartas de Lobato a Cascudo aqui apresentadas foram consultadas no CEDAE/Unicamp, que possui cópias das originais guardadas no Arquivo Câmara Cascudo em Natal/RN. As cópias foram realizadas graças à mediação da Prof^a Marisa Lajolo. Por se tratar de documentos inéditos, optamos por transcrever trechos mais longos.

Recebi sua de 14, com prazer duplo pois anuncia que vai mandar suas impressões do sertão para a revista. (...)

Fiquei a lhe invejar a excursão pelo interior desse Estado (...). Encontrou por aí afora as edições da *Revista*? Pudera! Estamos em relação comercial com mais de 400 localidades. Onde há uma biboca com livraria, papelaria ou bazar onde se vendam livros, aí penetramos. É uma experiência muito interessante que estamos a fazer. O fato é que com este sistema em dois anos de trabalho e jogando apenas com uma dúzia de edições breve alcançaremos uma tiragem total de 80.000 exemplares – logo que saírem das oficinas as novas edições deste fim de ano.

Já é alguma coisa, mas muito pouco diante do programa que temos em mira. Ou vai ou racha!¹⁹

Meses depois, em abril de 1921, Lobato informa sobre o crescimento da rede de distribuição dos livros por ele editados, reforçando a idéia de quebra do monopólio das capitais:

Aqui trabalha-se o que dá o tempo, a editar, a fazer propaganda de livros, a promover a expansão das obras através do país inteiro. Temos já a venda organizada em 500 localidades, de modo que já está rompido o velho processo de confinar-se a produção literária às capitais. Hoje, livro que edito aparece simultaneamente em quanto lugarejo haja, de Norte a Sul. (...) Infelizmente os nossos consignatários do interior abusam da situação e aumentam os preços, já tão caros. Livros que consignamos a 4\$ eles expõem a 4.500 e 5 e isso dificulta, embaraça, demora a saída. Adotei o sistema de imprimir o preço no dorso. Mesmo assim abusam, dizendo que tal preço é lá em São Paulo. Mas apesar de todos os pesares vamos tocando a coisa para diante e despejando livros a mancheias. *O livro caindo n'alma é germen que faz a palma...*²⁰

Mesmo enfrentando problemas com os consignatários, o sistema de distribuição estabelecido por Lobato dá bons resultados, fazendo com que as tiragens cresçam a ponto de justificar o investimento em novo parque gráfico. Em maio de 1922 escreve a Cascudo:

Em mãos a sua de 24 de abril, como sempre tão cheia de boa vontade para com este pobre marquês. Em Natal e Mossoró já tem vendinhas, mas se me indicasse livrarias (ou coisa equivalente) de Assu e Caiacó, era favor, pois o nosso programa é não ter consignatários só onde absolutamente não for possível. Estamos já com 500 e muitos e não descansaremos enquanto não atingirmos o milheiro. É o meio de acabar com o regionalismo do comércio livresco, pois que as edições circularão pelo país inteiro e não só em certas zonas como era de praxe.

Montamos já uma grande oficina e fazem toda a qualidade de serviços, para aqui e para o Estado. Disponha, pois, de uma casa como se fosse sua..²¹

Através da leitura da correspondência pode-se acompanhar o vertiginoso crescimento dos pontos de venda graças à estratégia de Lobato de vender livros em “biboca,

¹⁹ Carta de Lobato a Cascudo em 26-9-1920. CEDAE/Unicamp.

²⁰ Carta de Lobato a Cascudo em 14-4-1921. CEDAE/Unicamp.

²¹ Carta de Lobato a Cascudo em 5-5-1922. CEDAE/Unicamp.

papelaria ou bazar”, “em quanto lugarejo haja”, não apenas no intuito de obter lucro financeiro, mas de despejar “livros a mancheias”, formando um público leitor e levando ao país inteiro cultura e civilização.

Cartas ao editor

O sucesso de vendas alcançado pelos livros publicados por Lobato faz com que se torne um editor atraente. Há inúmeras cartas de escritores a ele endereçadas no período em que esteve à frente da Monteiro Lobato & Cia e da Cia. Editora Nacional, através das quais podemos acompanhar as negociações entre editor e editado. Tomemos como exemplo o conjunto de cartas que constituem a correspondência iniciada em torno da publicação de *Mistério*, folhetim escrito a oito mãos por Medeiros e Albuquerque, Viriato Correia, Afrânio Peixoto e Coelho Neto. A primeira delas, enviada por Afrânio Peixoto, data de junho de 1920:

Lobato:

Negócio. Não sei se você sabe que na “Folha”, do Medeiros, perpetramos, o Coelho Neto, eu, o Viriato Correia e ele, Medeiros, um romance de aventuras, policial, amoroso, etc, *au jour le jour*, com algumas coisas bem interessantes, e que aqui do que nos disse, não sei se por amabilidade o Medeiros despertou interesse a ponto de aumentar a tiragem do jornal. Foi o “Mistério”.

Trata-se de o publicar em volume. Embora de qualidade literariamente modesta, há interesse para o público, não sendo somenos o dos nomes que o subscrevem (ó Afrânio!).

Editor: o Alves não convém ao Neto, o Leite Ribeiro não pode consigo, o Garnier é em Paris. Lembrei-me de você. Como negócio, não é mau, creio que faremos algumas edições; com reclame, magnífico. Poderá você fazê-lo agora? É negócio, veja lá, e não favor, de sorte que você não se sentirá embaraçado em nos dizer, ou me dizer, “não”. Sei das angústias dos nossos editores. Como é você um novo negociante, daí a minha lembrança. Insisto: não tenha o menor vexame na recusa, porque apenas lhe proponho um negócio. Pessoalmente, ou individualmente, eu seria obrigado a levar ao Alves, pelos meus antecedentes, como lhe levei, ainda esta semana, um outro livro. Neste, tenho sócios, e sua incompatibilidades, que é preciso resguardar.

Quando torna ao Rio? Soube de sua partida, já você em S. Paulo; nem lhe pude seduzir com os meus pirões.

Um afetuoso abraço do
Seu adm^{or} e am^o

Afrânio Peixoto²²

Como se vê, o interesse dos autores é material, vista a “qualidade literariamente modesta” do produto. Mas se há público interessado, o negócio vale a pena. Lobato

²² Carta de Afrânio Peixoto a Lobato em 11-06-1920. CEDAE/Unicamp.

parece ter concordado com a opinião de Afrânio Peixoto, publicando o livro, como se depreende da carta de Coelho Neto enviada em julho do mesmo ano, na qual oferece para o editor outro volume de sua autoria :

Ilustre confrade Sr Monteiro Lobato

A pedido do Afrânio assinei o contrato para a publicação d'*O Mistério*, moxifinada escrita *à la diable* (pelo menos para mim) e de muita má vontade. Que espera o meu amigo de tal balbúrdia? Não seria melhor que eu me inscrevesse na bibliografia da *Revista do Brasil* com alguma coisa mais decente, como, por exemplo, um volumete de contos do meu veranico, que tem por título *Vesperal*?

Confrade e adm^{of}

Coelho Neto²³

No início de fevereiro do ano seguinte, portanto cerca de seis meses depois, Coelho Neto vai novamente se dirigir a Lobato propondo a edição de outras obras de sua autoria, o que mostra que estava satisfeito com seu editor. A carta inclui detalhes práticos como provável número de páginas, formato e tiragem:

Ilustre confrade Sr Monteiro Lobato

Pedem-me, de vários pontos, a “Contestação” com que, em 1917, perante a Comissão de Poderes da Câmara, impugnei a eleição do grande Marcelino Machado. Conhece-o? Nem eu. É um tagante. Do número d’ “A Política” em que apareceu não resta um exemplar. Apraz-lhe a idéia de fazermos uma tiragem de 2000 exemplares (150 a 180 páginas) de porte maneiro, que se traga no bolso, com os cigarros? Se formos felizes com a “Contestação”, publicaremos as “Athidas”, campanha política no Maranhão (discursos e conferências), levando como prefácio a carta de Rui Barbosa.

Responda-me.

Amigo e confrade

Coelho Neto²⁴

A partir da publicação de *Mistérios*, portanto, estabeleceu-se um vínculo editorial de Lobato com Coelho Neto, e também Medeiros e Albuquerque parece ter ficado satisfeito, pois em outubro escreve a seu novo editor oferecendo-lhe um volume de versos:

Imos. Srs. Monteiro Lobato & Cia

Conforme combinamos em cartas anteriores, autorizo-vos a que tireis uma edição de 2000 exemplares do meu livro de versos intitulado – *Fim*, bem como a que a vendais, mediante parceria, cabendo a mim, como autor, cinquenta por cento dos lucros líquidos, recebíveis quando a edição estiver praticamente esgotada.

²³ Carta de Coelho Neto a Lobato em 16-07-1920. CEDAE/Unicamp.

²⁴ Carta de Coelho Neto a Lobato em 17-02-1921. CEDAE/Unicamp.

Saudações cordiais.

Medeiros e Albuquerque²⁵

Em carta com a rubrica “confidencial”, enviada por Coelho Neto a Lobato no ano seguinte, 1921, o escritor dá mostras da sólida relação já estabelecida entre ele e seu editor:

Lobato

O ano continua no mesmo rumo trágico. Agora é uma filha que vai ser operada. Ando a bater moeda para fazer face ao rôr de calamidades. Se já fechaste o balanço manda-me a parte que me cabe na 2ª edição d’ “O Mistério”.

Pensei em polir “O Arara”, a tal novela de Caliban cuja 1ª edição voou sem deixar um só exemplar. Para dá-la em edição nova, que negociarei sobre os originais, terei de copiá-la toda. Caso te convenha o negócio escreve-me.

Amigo

Coelho Neto²⁶

As cartas apresentadas revelam um pragmatismo em geral desconsiderado em se tratando dos homens de letras desse período, e é possível que por isso mesmo Lobato as tenha escolhido e guardado, para serem testemunho da intensa atividade da Monteiro Lobato & Cia., extinta em 1924.

A literatura universal

Em carta de agosto de 1924, Lobato explica a Rangel a linha editorial da Companhia Editora Nacional, a nova editora surgida das cinzas da anterior:

Fechamos a torneira aos poetas e aos literatos nacionais de segunda classe. Só editaremos gente de primeira e as boas coisas da literatura universal. Mas insisto em obter traduções como as entendo. Essas traduções infamérrimas que vejo por aí, não as quero de maneira nenhuma. Mas é difícil... D. Quixote você pegou, mas parou no começo. E há as Viagens de Gulliver, e as Mil e Uma Noites, e Peter Pan – todas essas coisas que vêm galhardamente resistindo ao roçagar dos anos. O realmente bom é de todas as pátrias e de todos os séculos.²⁷

Pode-se ver a concepção lobatiana do que seria a boa literatura, sendo a produção nacional e a estrangeira faces da mesma moeda, igualmente necessárias e importantes à elevação espiritual e superação do atraso cultural. Este é o princípio da antropofagia proposta pelos modernistas, que Lobato de certo modo adota nas atividades de tradutor e editor, e também quando escreve para o público infantil, trazendo para o Sítio do Pica-Pau Amarelo personagens da literatura universal e da cultura de massa. Como editor,

²⁵ Carta de Medeiros e Albuquerque a Lobato em 12-10-1921. CEDAE/Unicamp.

²⁶ Carta de Coelho Neto a Lobato em 27-12-1922. CEDAE/Unicamp.

²⁷ Lobato. *A barca de Gleyre*, 2. t., p. 266-7.

vai tentar contribuir para a superação do atraso, através da publicação de obras estrangeiras traduzidas, facilitando-lhe o acesso ao público brasileiro.

Em artigo publicado na *Revista do Brasil*, comentando pesquisa realizada em 1923 por Sanchez-Saéz acerca das relações intelectuais sobre Brasil e Argentina, Monteiro Lobato também revela seu interesse pela literatura latino-americana: “Somos desconhecidos de nossos vizinhos e pessimamente os conhecemos. O caminho entretanto está traçado e é um só: intercâmbio”. Por isso, “a casa Monteiro Lobato & Cia. Vai também cooperar na tarefa. Lançará a biblioteca Sul-Americana, abrindo-a com *Facundo*, de Sarmiento, obra de gênio, que está para Argentina como *Os sertões*, de Euclides, estão para nós”. A “bíblia da literatura argentina”, como Lobato denomina *Facundo* em outro artigo, foi publicado de fato em 1923, traduzido por Carlos Mahul.²⁸

Como editor, Lobato deparava com obstáculos de toda sorte, e procurava vencê-los usando, entre outros meios, sua verve em cartas que escrevia para as autoridades, como a que envia em 1926 ao futuro Presidente da República, Washington Luís, expondo as dificuldades das editoras brasileiras:

V.Exa. sabe que o Brasil vive atolado até as orelhas na ignorância, como sabe que só um instrumento existe capaz de contrabater a ignorância – o livro. Mas o livro no Brasil é vítima de uma verdadeira perseguição, dando até a entender que o Estado é contrário à sua expansão e o considera perigoso. Hoje o livro só é acessível às classes ricas, e no andar em que vai, nem a elas, acabando por figurar nas vitrinas das casas de jóias, como objeto de luxo.

Mas não há cultura possível sem livro e livro barato, livro que penetre nas massas populares e lhes erga o nível mental. Que nos vale ter picos como Rui Barbosa, se a planície apresenta um dos mais baixos níveis culturais do mundo?

O livro barato, acessível ao povo, tem sido a nossa obsessão de editores falidos e ressurgidos, e é isso que nos traz perante V. Exa. neste momento em que se trama contra ele um novo golpe de misericórdia.²⁹

Outra correspondência rica em elementos para se estudar a atuação de Lobato no mundo editorial foi a que manteve com Anísio Teixeira, atualmente guardada no CPDOC/FGV e publicada no livro *Conversa entre amigos*.

Lobato e Anísio se conhecem em 1927, em NY, e tornaram-se rapidamente amigos. Quando Anísio volta ao Brasil, traz um bilhete de apresentação a Fernando Azevedo, a quem procura durante sua breve estada no porto do Rio de Janeiro a caminho da Bahia.

²⁸ Apud Gárate. *Civilização e barbárie n'Os sertões*. p. 12

²⁹ Lobato. *Cartas escolhidas*, 1. t., p. 194.

Data de 1929 o início de sua aproximação com a Companhia Editora Nacional, da qual Lobato é sócio fundador e que é dirigida por seu amigo Octalles Marcondes Ferreira e que terá um papel importantíssimo na vida de Anísio Teixeira, não só por publicar seus livros e difundir suas idéias, mas também porque quando, anos depois, for obrigado a deixar a Instrução Pública do Distrito Federal, na administração do prefeito Pedro Ernesto, colocado no ostracismo pelo Estado Novo e for “se exilar” na fazenda da família, vai lhe garantir alguma renda pela tradução de livros estrangeiros.

Em carta de dezembro de 1929, depois de contar o baque de ter seus planos de reforma da instrução pública da Bahia abortados, Anísio responde em tom animado à pergunta de Lobato sobre a “rapaziada de São Paulo”, revelando a gênese do que mais tarde seria um “movimento” – a Escola Nova:

A minha impressão deles já lhe disse: são os homens reais do Brasil (nós, do Norte, somos homens verbais). O que eles pensaram de mim? Não sei. Uma visita é sempre uma visita. Trouxe duas ou três simpatias que talvez cresçam até amizade, se as cultivar. Lourenço, uma delas. Estamos com o plano de publicar, até março, um volume sobre Dewey, na sua coleção de educação. Fiquei encarregado disto. Talvez este fato conserve a aproximação. As outras relações cairão todas... a não ser que vá para lá.³⁰

Logo será publicado seu livro *Aspectos americanos da educação*, que vai projetá-lo para além do Estado da Bahia. e colocá-lo em circuito mais amplo. Data desta época o início de sua aproximação com a Companhia Editora Nacional, da qual Lobato é sócio fundador junto com amigo Octalles Marcondes Ferreira, que a dirige. A “Nacional” terá um papel importantíssimo na vida de Anísio Teixeira, não só por publicar seus livros e difundir suas idéias, mas também porque quando, anos depois, for obrigado a deixar a Instrução Pública do Distrito Federal, na administração do prefeito Pedro Ernesto, colocado no ostracismo pelo Estado Novo, e for “se exilar” na fazenda da família, vai lhe garantir alguma renda pela tradução de livros estrangeiros.

Este período será confusamente apresentado na biografia escrita por Hermes Lima: temporada no sertão baiano, em casa de um cunhado, onde residiu até meados de 1937 e “traduziu livros de H. G. Wells e William Durant para a Editora Nacional de seu amigo Octalles Marcondes”; viagem para Salvador, onde nasce a primeira filha; passagem pelo Rio de Janeiro, de onde “segue para São Paulo para trabalhar com Octalles, a grande figura da Editora Nacional, onde se ocupa em traduzir e selecionar livros merecedores de publicação”. O autor diz ainda : “Construtor de uma das maiores e mais prósperas

³⁰ Fraiz e Vianna. *Conversa entre amigos*, p. 45-6.

editoras nacionais, à qual se deve, entre outras iniciativas, a criação da Brasiliana, Octalles Marcondes Ferreira dedicava [a Anísio Teixeira] amizade, admiração e respeito.”³¹

Mas isso virá com o tempo. Em dezembro de 1929, Anísio acaba de conhecer Octalles, mais uma vez graças a Lobato, e nem mesmo o menciona na carta como uma das suas possíveis futuras amizades.

A leitura da correspondência parece-nos revelar claramente a importância que vai tomando Lobato na vida de Anísio Teixeira. Em carta de 5 de janeiro de 1931, enviada do Rio de Janeiro, escreve, sob a impressão positiva causada pela leitura da versão de Lobato para *Alice no país das maravilhas*:

Recebi ontem a sua carta de 1º. Vejo como a sua atividade é realmente ampla, arejada e voltada para as coisas essenciais. Inteligência é a distinção entre o essencial e o secundário. Quando leio a sua carta, fico a imaginar se realmente o meu grande erro não está em não saber fazer tal distinção.

Escolas – sem livros e sem riqueza!! Eu. Livros e riqueza – você. Não há necessidade de comparar.³²

Anísio vai aos poucos, sem abandonar a escola, contribuir para seu enriquecimento, passando para o lado dos livros e da riqueza, enquanto Lobato se aproximará bastante da pedagogia, ainda que fora da escola, escrevendo livros quase didáticos. Em carta sem data, provavelmente de 1933 ou 1934, Anísio elogia *Emília no país da gramática*: “Creio vai ser uma das suas obras-primas.” E continua: “Sonhei aqui com o Otales – o grande – humilde – educador – nacional – o sonho de ir trabalhar com você. Primeiro trabalho: A história de hoje.”³³ E, em outra datada de 21 de janeiro de 1936, toca novamente no assunto: “Sou todo brotos e disposição para o trabalho. E então sonhei com aquele velho sonho da coleção de livros fundamentais.” Para ele “a nutrição intelectual é tão precisa quanto a material”, e “a nutrição de hoje é o pensamento elaborado à vista do avanço das ciências e da democracia”. E conclui:

A coleção seria pois de alimentos dessa espécie. Coleção de civilização contemporânea. Para dizer os corolários da ciência e da democracia. Começar por Wells e pelos geniais “exorcistas” contemporâneos e, de vez em quando, para mostrar a continuidade com a floresta do pensamento humano, um jequitibá secular – Montaigne, Platão etc. Que acha você? Uma coleção para um regime de supernutrição do Brasil.³⁴

³¹ Lima. *Anísio Teixeira: estadista da educação*, p. 141.

³² Fraiz e Vianna. *Conversa entre amigos*, p. 59.

³³ Fraiz e Vianna. *Conversa entre amigos*, p. 72.

³⁴ Fraiz e Vianna. *Conversa entre amigos*, p. 73.

O educador está embebedado da certeza de que é preciso atuar no campo editorial, pondo em prática a máxima de Lobato, cunhada sob o impacto que lhe causou a visita à biblioteca do Congresso dos Estados Unidos: um país se faz com homens e com livros. Uma opção por intervir de outro modo na educação, não através da administração direta, mas através do fomento da circulação de idéias e informações. A filosofia do projeto é melhor explicada mais adiante:

A coleção do F. A. [Possivelmente Biblioteca Pedagógica Brasileira, de Fernando de Azevedo, editada pela Cia Editora Nacional.] é muito interessante, mas meio doméstica, sem horizonte internacional. Seria necessário uma coleção em que pedagogia fosse um capítulo e não um título. Pedagogia é bobagem se não for toda a cultura humana.³⁵

Um projeto editorial para reformar a educação brasileira. Nada poderia parecer mais com Lobato. E no entanto é idéia de Anísio, que procura no amigo, editor experiente, o respaldo necessário: “Resta saber se você aceitaria dirigi-la conosco. Sem você não me atrevo. Você será o julgamento, a segurança, a razão... Conto com você.”³⁶

Saiba batear, que apanharás algum ourinho nativo

À guisa de conclusão, escolhemos dois trechos de cartas enviadas de Buenos Aires por Lobato a Edgard Cavalheiro, a quem entregara seu arquivo pessoal antes de mudar-se para a Argentina, em 1946:

Parece incrível, mas a vida literária do Brasil, de 15 a 25, girou em redor de mim e da minha editora. Pelas cartas verá isso. Não havia quem não me procurasse, e eu ia lançando nomes e mais nomes novos, depois de haver aberto o país inteiro à entrada de livros. Aquela história de pular das trinta e tantas livrarias que tínhamos pelo país inteiro, únicos pontos onde se vendiam livros, para os 1200 e tantos consignatários de Monteiro Lobato & Cia., foi uma das etapas da emancipação cultural do Brasil. Na correspondência há de encontrar muito reflexo disso.³⁷

O arquivo... Nunca tive ânimo de revê-lo, mas suponho que deve conter muita coisa interessante. Felizmente está em boas mãos. Saiba batear, que apanharás algum ourinho nativo.³⁸

³⁵ Fraiz e Vianna. *Conversa entre amigos*, p. 73-4.

³⁶ Fraiz e Vianna. *Conversa entre amigos*, p. 74.

³⁷ Lobato. *Cartas escolhidas*, 2. t., p. 189.

³⁸ Lobato. *Cartas escolhidas*, 2. t., p. 197.

Bibliografia

- Cartas de Monteiro Lobato a Câmara Cascudo. CEDAE/Unicamp. Fotocópias das cartas originais guardadas no Arquivo Câmara Cascudo, em Natal/RN.
- FRAIZ, Priscila e VIANNA, Aurélio (org.). *Conversa entre amigos: Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Cpdoc, 1986.
- Fundo Monteiro Lobato. CEDAE/Unicamp.
- LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira: estadista da educação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. 2 t.
- _____. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. 2 t.
- Suplemento Literário Minas Gerais. Godofredo Rangel Centenário*. Edição especial organizada por Márcio Sampaio. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais / Imprensa Oficial, 01 dez. 1984, Ano XIX, nº 948.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.